

PEDAGOGIA HIP-HOP: UMA PROPOSTA DE ENSINO BASEADA NA PERSPECTIVA DA DANÇA *BREAKING*

Raphael Fernandes de Souza¹

Resumo: Ao analisar as teorias da educação em busca de possíveis conexões metodológicas com o ensino da dança Breaking, um elemento criativo da cultura Hip-hop, observa-se uma notável semelhança em relação aos propósitos, objetivos, métodos e aplicações quando comparados às abordagens reconhecidas pelo ensino formal. Essa afinidade pode ser encontrada nas obras de renomados teóricos da educação, como Freire (1996), Hooks (2013), Robinson (2016), Camara (2020), Pacheco (2008), Resnick (2017), Saviani e Duarte (2012), Gardner (1995) e outros. Além disso, ao contrastar essas ideias com as da Universal Zulu Nation (2022), a ONG que utiliza o Hip-Hop como ferramenta de transformação social, e com a declaração da UNESCO que reconhece o Hiphop como patrimônio cultural internacional para promover a paz e a prosperidade desde 2001, emerge a ideia de uma Pedagogia Hiphop como um conceito educacional híbrido. No contexto da dança Breaking, este artigo analisa como as referências de aprendizado periférico podem sugerir novos ambientes de ensino para instituições formais, tendo o movimento corporal como ponto de partida. A reflexão sobre o modo educacional periférico dialoga com teorias da educação e pode sugerir caminhos para reconfigurar o ambiente escolar, em um local não apenas de aprendizado, conhecimento e compreensão global do mundo, mas também de diversão e expressão pessoal. Isso implica em reconhecer a importância da cultura Hiphop e das pessoas que a vivenciam, assim como seu impacto na sociedade, indo além dos limites da escola para promover inclusão e transformação social no mundo.

Palavras chave: Pedagogia; Hiphop; Dança; Breaking.

HIP-HOP PEDAGOGY: A TEACHING PROPOSAL BASED ON THE PERSPECTIVE OF BREAKING DANCE.

Abstract: When analyzing education theories in search of possible methodological connections with the teaching of Breaking dance, a creative element of Hip-Hop culture, a notable similarity is observed in relation to the purposes, objectives, methods and applications when compared to the approaches recognized by the formal education. This affinity can be found in the works of renowned education theorists, such as Freire (1996), Hooks (2013), Robinson (2016), Camara (2020), Pacheco (2008), Resnick (2017), Saviani and Duarte (2012), Gardner (1995) and others. Furthermore, when contrasting these ideas with those of the Universal Zulu Nation (2022), an NGO that uses Hip-Hop as a tool for social transformation, and with the UNESCO declaration that recognizes Hip-Hop as an international cultural heritage to promote peace and prosperity since 2001, the idea of a Hip-Hop Pedagogy as a hybrid educational concept emerges. In the context of Breaking dance, this article analyzes how peripheral learning references can suggest new teaching environments for formal institutions, taking body movement as a starting point. Reflection on the peripheral educational mode dialogues with educational theories and can suggest ways to reconfigure the school environment, into a place not only for learning, knowledge and global understanding of the world, but also for fun and self expression. This implies recognizing the importance of Hip-Hop culture and the people who experience it, as well as its impact on society, going beyond the limits of school to promote inclusion and social transformation in the world.

Keywords: Pedagogy; Hip hop; Dance; Breaking.

¹ Professor, artista da dança, inquieto e multitarefa, busca no movimento e filosofia HIP-HOP uma poética de existir no espetáculo da vida. Graduado em Ed. Física (UTP), com especialização em Aprendizagem Criativa (M.I.T.edx), Artes Híbridas (UTFPR), Liderança e Aprendizado (Harvard.X), atualmente é Mestrando em linguagens Educacionais no ensino das Artes, pela UNESPAR, onde desenvolve uma pesquisa sobre modelos de ensino para Danças Urbanas, seu estilo de origem. Praticante, pesquisador e entusiasta da cultura Hiphop desde 2001.

A dança *Breaking*, que será discutida nesse artigo compõe um dos 4 elementos criativos da cultura Hip-Hop². Entre seus fundamentos, para o desenvolvimento de sua execução, o artista deve passar por 5 fases que constituem a característica da dança: *Top Rock, Going Down, Foot Work, Power Move e Freeze*. *Top rock* é a fase inicial da dança, onde o artista demonstra sua musicalidade, estilo e personalidade. É a apresentação inicial executada em pé. *Going Down* compreendem movimentos de transição entre a dança em pé e a dança que será executada no chão. *Foot Work* é a fase de dança feita no chão, podendo ser executada de diversas formas, geralmente ela possui uma característica mais explosiva, exigindo grande energia e criatividade no seu desenvolvimento. *Power Moves* são os movimentos acrobáticos, onde o artista apresenta seu virtuosismo combinado à sensibilidade da dança. São movimentos que se destacam pelo alto desempenho das capacidades físicas do artista: força, flexibilidade, agilidade e velocidade. Entre os principais movimentos desta fase é possível destacar o giro de costas, moinho de vento, *swipes, flair* e as variações de giro de cabeça. Por fim, o *Freeze*. Seguindo a ordem metodológica básica para o ensino do *Breaking*, quando o artista/dançarino termina sua apresentação ele termina com uma pose, uma postura que indica o fim de sua performance. Esse movimento de congelar pode ser simples como uma pose para uma foto, uma oportunidade de demonstrar ainda mais virtuosismo. Existem movimentos de *Freeze* que exigem muita força, equilíbrio, concentração, flexibilidade, movimentos inspirados em posturas de Yoga, acrobacias de circo e de artes marciais, como a Capoeira.

A apresentação da dança *Breaking* acontece geralmente em roda, onde cada participante demonstra no centro, a sua personalidade. Por meio de uma combinação criativa de um grande repertório de movimento, improvisados e inspirados na hora, seguindo sempre o ritmo e a cadência quebrada das músicas características dessa manifestação. O artista elabora a sua performance individual, que não precisa seguir, nem respeitar ortodoxamente as fases apresentadas anteriormente, elas são um indicativo e uma metodologia básica para aprendizagem inicial. Cada "entrada", ou seja, apresentação individual na roda, possui em média 90 segundos.

²ZULU NATION. **Elements of Hip Hop**. Disponível em: <https://www.zulunation.com/elements/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

A fim de organizar a narrativa do artigo, uma vez apresentada as fases que compõem a execução da dança Breaking, gostaria de propor a utilização desses termos como metáfora na delimitação dos temas/subtítulos. *Top rock*, será a introdução do objeto de reflexão. *Going Down*, será o momento que convidarei a pensar a dança como instrumento educacional. No *Foot Work* será debatido a potência da cultura, como ferramenta educacional sugerindo a elaboração de um espaço educacional interdisciplinar. *Power move*, abordará a questão da profissionalização da dança em virtude do fenômeno da artificialização, por fim o *Freeze*, que resgatará os pontos defendidos no artigo, dando ênfase na importância da cultura Hip-Hop, por intermédio da dança *Breaking*, como uma possibilidade de agente para a transformação social.

Top Rock

Vamos dançar o *Top Rock* do artigo, refletindo sobre o início dessa proposta. Ensinar é uma atividade complexa, plural e que inspira sensibilidade, antes mesmo de conhecer o Hip-Hop já me identificava com a sua essência. A atividade de professor de dança, ou ainda coreógrafo, que viria a desempenhar, seria diferente daquela que foi apresentada para mim "nas ruas", nos treinos de *Breaking*, pois desde aquele tempo já a relacionava com outros atravessamentos educacionais³ além daqueles primeiros passos direcionados pelo meu grupo, a minha *Crew*⁴ de origem, a *Foot Work Crew*, da qual já motivaram o hibridismo.

Neste aspecto, sem perceber ou teoricamente definir a filosofia Hip-Hop estava alí, conforme Chang (2005), quando menciona que a ideia do pensamento Hip-Hop já é uma mistura ou atravessamento de idéias. Fundamentalmente os elementos da cultura devem estimular a criatividade, o entusiasmo em aprender, a curiosidade e a mudança

³ Entre as referências de destaque nesse processo lembro dos textos do educador Paulo Freire, dos ensinamentos, vivências em oficinas e leituras sobre corpo e movimento das artistas da dança e educadoras Sophia Neuparth, Helena Katz, Fabiana Britto e Christine Greiner, bem como para complementar a ideia de uma possível pedagogia Hip-Hop, o encontro dos estudos sobre neuro aprendizagem do psicólogo cognitivo Howard Gardner em diálogo com o arte educador Ken Robinson.

⁴ Termo do inglês, nomenclatura popular sinônimo para grupo, uma espécie de gangue, modo como denominam os grupos dessa dança. Entre os principais grupos da geração anos 2000 em Curitiba-PR, destacam-se a Foot Work Crew, Flying Boys, Twister Rock Style, Can Africa Spin, New Crew Bboys, Stil Contact Break, Super Star Bboys, South Brothers, entre outros. Muitos desses grupos existem a mais de 20 anos e estão em atividade. (nota do autor, como objeto integrante do artigo).

social, do mesmo modo como Freire (1996) acredita que a aprendizagem deve ocorrer, quando sugere a autonomia da aprendizagem, por exemplo. Conforme avancei com minhas curiosidades, percorrendo inclusive caminhos acadêmicos, passei a observar o modo Hip-Hop de pensar pedagogia, inserido nas teorias de educação, ao mesmo tempo que percebia teorias da educação inseridas na cultura Hip-Hop.

O *Breaking* é o corpo do Hip-Hop. A ideia de corpo no Hip-Hop é um diferencial pedagógico e tem mais intimidade com a formação de valores humanos e caráter, fundados nos princípios da *Universal Zulu Nation*⁵, relatados nas *Infinity Lessons*⁶, do que na superficialidade estética da linguagem midiática e publicitária, que são todos os dias despejadas na sociedade. A filosofia das Lições do Infinito, estimulam assim como nos ambiente formais de ensino, atitudes criativas e positivas frente a vida, pois corroboram com influentes e atuais referências sobre pedagogia, neuro aprendizagem e teorias da educação, e nesse sentido se diferenciam do estereótipo publicitário relacionado aos artistas que vendem a imagem do Hip-Hop como ostentação, carros importados, jóias, mansões, objetificação da mulher, etc.

Antes de ser de rua, o *Breaking* é dança, antes de ser dança, é uma manifestação corporal, por isso, Filler (2015) sugere que poderíamos começar a pensar uma mediação em dança por meio de seu instrumento principal: nosso patrimônio comum e ao mesmo tempo diverso na sua singularidade, ou seja, o corpo.

O *Top Rock* como subtítulo nesse artigo é o momento que entendemos a Dança *Breaking* como um corpo em aprendizado.

Going Down

Falar sobre o corpo Hip-Hop nos convida a pensar paralelamente sobre pedagogia, contudo é necessário organizar esse diálogo, assim como um *Going Down* é o preparo para um *Foot Work*.

⁵ONG Fundada pelo DJ Afrika Bambaataa que tem como princípio as bases do Hip-Hop: paz, amor, união e diversão, vem sendo responsável pela existência do verdadeiro espírito do Hip-Hop. (Disponível em: <http://www.zulunation.com/infinity>. Acesso em: 28 mar. 2022.).

⁶A *Zulu Nation* organizava palestras chamadas de '*Infinity Lessons*' (Aulas para o conhecimento Infinito), que eram aulas sobre conhecimentos, prevenção de doenças, matemática, ciências, economia, entre outras coisas e que serviam para modificar os pensamentos das gangues. (Disponível em: <http://www.zulunation.com/infinity>. Acesso em: 28 mar. 2022.).

Pensar Hip-Hop é uma atividade pedagógica por si, necessita de uma organização de fatos, processo pedagógico e metodologia, mesmo classificada como uma atividade de ensino empírica e informal, é um modo de refletir sobre a sociedade moderna, indispensável para as pesquisas em cultura. O corpo que dança o *Breaking*, como teorizador de suas experiências sociais, entende a dança como algo que age na sociedade, modificando-a com a modelização do mundo que dissemina.

Em alguns processos de ensino da dança *Breaking* se acredita que quando não há liberdade para o aprendiz se expor, ele irá se tornar preso naquilo que lhe foi passado, até mesmo no que ele próprio criou para si como verdade, assim observado por Freire (1996), quando compara as teorias de ensino dos ambientes de educação formal, onde ensinar ou aprender se resume somente com aulas técnicas, sem levar em consideração a cultura do indivíduo. Esta proposta dialoga com o processo de ensino do *Breaking*, diretamente relacionada com a crítica de Freire (1996), amplamente conhecida como educação bancária. Deste modo a arte, a dança, o Hip-Hop denuncia um desafio que existe nas instituições de ensino, ao passo que também traz possibilidades de solução.

A ideia de pedagogia urbana, do saber empírico periférico, pode ser diretamente comparada a pedagogia da autonomia de Freire (1996), mas também ao método de tutoria de Camara (2020), da pedagogia criativa de Robinson (2016), da aprendizagem compartilhada de Pacheco (2008), da pedagogia histórico-crítica de Saviani e Duarte (2012), da pedagogia engajada de Hooks (2013), da pedagogia para vida toda de Resnick (2017), aliás, é impossível falar de Hip-Hop sem referenciar também a teoria das inteligências múltiplas sugeridas por Gardner (1995).

A base dos princípios e fundamentos educacionais observados nestes autores em relação ao que podemos verificar nas *Infinity Lessons* são muito próximas, até muito parecidas, contudo possuem suas lógicas específicas.

Quando estamos no processo de aprendizagem do *Breaking*, percebemos como relacionar o nome dos passos, suas origens e criadores promovendo direta identificação com a realidade social, as abstrações e metáforas específicas engajam o dançarino a se observar e posicionar como protagonista de seu aprendizado, assim como na pedagogia da autonomia de Freire (1996) e pedagogia engajada de Hooks (2013). Esse indivíduo, dentro de um grupo ou *crew*, que aprende em conjunto,

geralmente sem a imagem de um líder ou mestre, troca suas experiências no coletivo, no qual conhecem juntos novas música, roupas, vídeos, treinos, grupos, danças, em trocas orgânicas que podem ser observadas no que sugere o método de tutoria de Camara (2020) e na pedagogia compartilhada de Pacheco (2008).

Usar as possibilidades criativas do corpo em movimento para estimular novos campos neurais, motivando novas conexões e habilidades psico cognitivas é uma proposta da pedagogia criativa de Robinson (2016), estas que corroboram com a proposta das inteligências múltiplas de Gardner (1995). Ao compreender que a dança é manifestação interdisciplinar, que traz consigo a ancestralidade de inúmeras outras culturas no seu saber-fazer, além de uma sequência ritmada de passos e acrobacias soltas, é uma proposta pedagógica que se aproxima da ideia histórico-crítica de Saviani e Duarte (2012). Finalmente, quando o jovem entra na cultura e altera sua personalidade, a tornando seu estilo de vida e ética baseado nos ensinamentos da dança *Breaking*, inserido nos princípios da filosofia Hip-Hop, e promove a positividade, colaboração social, agindo com otimismo, criatividade, paz, amor e diversão, se pode correlacionar com a proposta de Pedagogia Para a Vida Toda de Resnick (2017). Deste modo, podemos perceber neste pequeno recorte que o conhecimento da linguagem Hip-Hop, interligada a manifestações do conhecimento popular e como modo não formal de manifestar o conhecimento formal, desde sua gênese, está diretamente amparada por pedagogias, teorias e métodos de ensino aceitos no mundo todo. Assim, a pedagogia Hip-Hop poderia vir a ser um híbrido urbano criativo destas propostas?

Reconhecido como um dos grandes pensadores da pedagogia no mundo, o educador e filósofo Paulo Freire inspirou a refletir neste artigo uma Pedagogia Hip-Hop, na perspectiva das danças Urbanas, pois conversa diretamente com aquilo que é a essência da cultura Hip-Hop, uma vez que se notabilizou por defender a bandeira de uma educação popular, objetiva, com linguagem e métodos simples - sem rodeios, teorias mirabolantes ou rebuscamentos dispensáveis. Uma de suas grandes preocupações era alfabetizar e conscientizar as pessoas com poucos ou escassos recursos econômicos, de forma que fosse possível democratizar o conhecimento em sua essência mais prática, sem o exibicionismo teórico-acadêmico dos costumeiros "intelectuais" da educação.

Nesse sentido o Hip-Hop é uma espécie de escola sem paredes, livros e teorias mas que deseja alterar positivamente a vida dos jovens, sendo da mesma forma e, em muitos casos, o único espaço onde o jovem poderá se expressar, se integrar a um grupo e construir seus alicerces de ética, conduta, bons comportamentos, saúde e política. Os quatro elementos criativos da cultura Hip-Hop seguem uma missão, a qual indica a todos os seus multiplicadores a promoverem paz, amor, união e diversão para construção de agentes urbanos dignos e positivos, potencialmente criativos para transformar vidas, conceitos, práticas e atividades humanas, assim como prevê a missão de qualquer instituição formal de ensino, carta curricular, parâmetros de ensino de qualquer escola ou universidade. Foot Work

Percebendo as relações entre propostas pedagógicas formais e o pensamento pedagógico observado na dança *Breaking*, chegamos ao *Foot Work* do artigo, onde será refletida a potência da cultura Hip-Hop, como ferramenta educacional ampla, que reflete no ensino dos seus elementos.

Afrika Bambaataa, nas suas *Infinity Lessons*, nos lembra que o conhecimento Hip-Hop é uma riqueza imaterial, reconhecidos inclusive pela UNESCO como patrimônio imaterial da humanidade, com uma missão muito importante no mundo contemporâneo: contribuir na mudança de realidades sociais. Seja qual for sua preferência estética, assim como visto nas inteligências múltiplas de Gardner (1995), o Hip-Hop acredita que todas as pessoas nascem predispostas a algum talento, seja pelas artes visuais, música, produção ou corpo. Contudo, nesse processo de descoberta de talentos artísticos para mudar as realidades sociais, o jovem encontra na sua transição para a vida adulta, um mercado de trabalho neo liberal que dificulta sonhos e vontades de ver o mundo sob uma perspectiva poética do mundo. Esses jovens são frustrados, contraditoriamente por modelos de educação autoritários, ritmo de trabalho opressor e meios de consumo exagerados, temas que são amplamente discutidos em inúmeras letras de Rap e obras de Grafites pelo mundo.

Em 16 de maio de 2001, foi entregue às Nações Unidas uma declaração assinada por várias organizações (como a *Zulu Nation*, o Templo do Hip-Hop). A "Declaração de Paz do Hip Hop", justamente por reconhecerem o potencial educacional que a cultura exerce sobre os jovens, principalmente no que se diz respeito a conceitos

como dignidade, santidade da Vida, respeito pela lei e pela Cultura, Educação, amor, harmonia Inter-racial e solidariedade, atravessam os vários exemplos.

A arte urbana no ponto de vista Hip-Hop é proposta também como um serviço de crítica social, para unir e discutir com uma "minoria multidão" a potência de transformação cultural enquanto sociedade, diferente do estereótipo sobre o Hip-Hop que as mídias publicitárias insistem em reforçar. Deste modo, a cultura e seus adeptos sabem da importância da manutenção da linguagem, da estética e principalmente dos lugares e espaços sociais que ocupam na sociedade, ser "Hip-Hoper" é sobre estar aberto à curiosidade, ao conhecimento, é uma fonte inesgotável de pesquisa para transcender a existência. E, ainda é sabido conforme Bourdieu (1989) que, para que uma cultura permaneça viva, ela precisa adaptar-se a novas realidades, redesenhar conceitos, reconfigurar ideias, um fenômeno que é também observado e adotado por Freire (1996).

Visto estes aspectos, a visão estereotipada sobre o *Breaking* e a cultura Hip-Hop tende a demonstrar mudanças, pois é possível observar que a sociedade está a reconhecendo enquanto cultura, está ocupando de espaços sociais de prestígio em instituições de ensino formais e informais, programas de televisão e materiais de publicidade com respeito, percebemos que o processo de reconhecimento do *Breaking* continua.

A dança que era restrita a bairros e comunidades de contexto periférico, descobre os palcos (Ribeiro, 2014), vai até as universidades, inspira pesquisas, artigos, debates, estimula novos mercados de trabalho e atualmente conquista espaço na mídia, na grande publicidade e também nos jogos Olímpicos, processo do qual Heinich e Shapiro (2013) indicam como artificação estética.

Power Move

O grande e impactante movimento de explosão, ou ainda, o *Power Move* do artigo, é observável na continuação desse debate quando lembramos que em 2024 o *Breaking* será apresentado como modalidade competitiva nos jogos Olímpicos. O processo de institucionalização cultural sugerido por Heinich e Shapiro (2013), evidencia, assim como anteriormente discutido, que a partir desse movimento a dança

poderá se desenvolver como profissão, possibilitando diálogos e novas oportunidades profissionais para jovens talentos.

O trânsito entre palco e a rua já se dava nos anos 80, mas no recorte entre 1999 e 2020, atinge uma expressão jamais ocorrida na história da dança brasileira, como aponta Katz (2009, p. 3-4): "é o resultado da combinação entre dois acontecimentos: a mobilidade social ocorrida nos processos de formação e o fato da Dança haver se tornado um vínculo social identitário."

Nas ruas, o modo como é repassado o conhecimento da dança, nos valores da cultura Hip-Hop, como verifica Freitas (2011), é um fenômeno caracterizado pela inexistência de um professor específico, pois em uma roda de treino de *Breaking* todos são professores e alunos ao mesmo tempo, através de uma constante alternância de papéis. Assemelha-se com o método de tutoria, como demonstra Camara (2020) e Freire (1996).

Quando o artigo inicia observando o ensino do *Breaking*, estamos anteriormente questionando nossas próprias escolhas pedagógicas, sejam elas em sala de aula, em projetos sociais, em oficinas livres, dentro de escolas regulares, escolas de dança, ONGs, salas multiuso da periferia ou ainda debaixo de uma árvore, seja onde for, sempre volto à afirmação que motiva esta pesquisa: será que o modo como aprendemos a dança é diferente daquele como iremos ensinar? No ponto de vista auto etnográfico, como sujeito e objeto desse estudo, percebo que sim, o modo como aprendi já é diferente como ensino atualmente e, continua em processo de modificação.

O acesso a informação, a possibilidade de estudar em uma universidade aprofundando minhas curiosidades em arte, corpo e educação, a chance de trabalhar profissionalmente com o ensino do *Breaking*, o trânsito em companhias profissionais de dança, são indicativos que minha formação já foi diferente daqueles que me ensinaram no início dos anos 2000 que resultou em outros processos de ensino que desenvolvi. Esse questionamento sobre os processos de artificação deve nos acompanhar no decorrer dos próximos anos, como indica Heinich e Shapiro (2013), pelo próprio processo de artificação da dança *Breaking*, que naturalmente se altera desde 1980. Ainda, assim como indica Bourdieu (1989) vivemos em um mundo em constante transformação e com os Jogos Olímpicos de 2024, muitos aspectos indicam o que está

por vir poderão ser observáveis em educação, profissionalização e reconhecimento amplo desta dança.

Costa (2005) complementa e aponta que o potencial sócio-educacional da dança *Breaking* sofre modificações por ser observado na perspectiva de um fenômeno do poder simbólico, termo defendido por Bourdieu (1989), como um processo que explica como a indústria cultural se apropria do conhecimento a fim de gerar bens de consumo. O processo de artificação, conforme debatido em Heinich e Shapiro (2013), permite abordar o processo de profissionalização do *Breaking* e observar o Hip-Hop como metodologia pedagógica formal.

Pinheiro (2014), do mesmo modo, percebe que a apropriação do *Breaking* pela indústria cultural, assim como verifica Costa (2005), nos ambientes formais de ensino, também pode fornecer recursos que estimulam os professores a levar em consideração outros fatores de ensino além da cultura da dança urbana, inclusive resgatando a sua historicidade afrodiáspórica, possibilitando debates sobre a identidade africana, tema obrigatório nas escolas previsto na atualização das diretrizes e bases da educação brasileiras desde 2003 (Lei n.º 10.639/2003), mas ainda pouco praticado. Admitir a pedagogia Hip-Hop nesses espaços pode favorecer inclusive o aprimoramento de práticas interdisciplinares do espaço de aprendizagem.

O *Breaking* ao encontrar com espaços de ensino formais, ocupando lugares de fala, contribui espontaneamente pois carrega em si a responsabilidade de reforçar as conquistas da cultura Hip-Hop pela perspectiva afrodiáspórica e a sua importância na construção da identidade daquilo que o ocidente representa. Nessa perspectiva, pode-se considerar a dança como uma fonte de percepção, o ensino da dança na escola tem a função de superar uma cultura corporal voltada para a execução de movimentos já preestabelecidos e que usualmente são aplicados em danças praticadas nas escolas.

Freeze

Como podemos observar neste artigo, a aprendizagem no ponto de vista da cultura Hip-Hop segue informalmente e instintivamente propostas pedagógicas, que podem ser comparadas com um conjunto de teorias anteriormente reconhecidas, que facilmente dialogam, relacionam, complementam e até se confundem, em suas

particularidades e diferenças. Fica evidente que a distância do ensino do *Breaking*, e ou de uma pedagogia Hip-Hop, do ensino formal acontece em decorrência de uma barreira da linguagem e pela sua historicidade e ancestralidade, como sustentam Osumare (2007) e Hall (2011), quando observam os fenômenos de manutenção da ideologia e lógica ocidental da instituição de ensino. Em Heinich e Shapiro (2013) conhecemos sobre o processo de institucionalização estética, quando destaca sobre as instâncias de consagração para que uma cultura popular alcance o respeito sobre a linguagem acadêmica.

A dança da cultura Hip-Hop facilita diálogos transdisciplinares, uma vez que seus estímulos transpassam as avaliações bimestrais, grades, muros escolares, o espaço físico escolar, pois estimula que os processos cognitivos sejam instigados a solucionar problemas reais da vida do jovem, possibilitando dar sentido à teoria, por meio de uma jornada lúdica e divertida. Na construção de um trabalho coreográfico, por exemplo, é possível ampliar o modo como os canais de percepção (tato, audição, visão, fala) desenvolvem-se, auxiliando a estimulação da neuro aprendizagem, de fundamentais funções neurais e um complexo grupo de raciocínio lógico, criativo e individual que por consequência provocará ruídos no coletivo social.

Deste modo uma aula de dança é um constante desafio cognitivo/motor entre a assimilação, compreensão e domínio do movimento, no sentido corpo, tempo, espaço, fluxo e peso, mas também está voltada com a transformação simbólica, por meio de suas expressões pedagógicas, porque traz em sua linguagem a identificação do contextos culturais de jovens, inspirando, empoderando, estimulando, como principal finalidade, a mudança de representações que definem a realidade social de um indivíduo, possibilitando a oportunidade de transformar a realidade sócio cultural daqueles sujeitos, de modo global.

Considerando Nascimento (2020), é importante pensar nos conteúdos transversais que o ensino da cultura Hip-Hop abrange, pois não é apenas sobre adicionar aulas de dança e coreografias, rimas, música e pintura em ambientes de ensino. O autor afirma que por aproximar modos de ensino alternativos a públicos diferentes, se pode contemplar a diversidade de corpos em uma sala de aula.

A dança é energia vital, criativa, e, como tal, também pode ser terapêutica. Quando nosso corpo chega a sentir isso intimamente, acontece uma mudança no

indivíduo, que percebe o crescimento de suas próprias possibilidades, sentindo-se integrada no grupo num percurso criativo (Cerruto, 2009). Ao dançar, além do enriquecimento histórico cultural, movimentar o corpo fisicamente e mentalmente, contribui para expressão pessoal, desenvolve a socialização, habilidades sensório-motoras, condicionamento físico e capacidade cardiorrespiratória.

Ainda sobre as particularidades do ensino das danças urbanas, Nascimento (2020) aponta mais uma vez a importância de observar os corpos diversos, estes exigem perspectivas diferenciadas, porque o que se pode vislumbrar requer diversidade de estratégias, isso também é um direcionamento da pedagogia empírica do Hip-Hop. Assim como Ribeiro (2014), ao resumir a definição sobre educação, na perspectiva da cultura Hip-Hop: "o educador é aprendiz há mais tempo e educar é ensinar o encanto da curiosidade". Quanto mais estimulamos o encantamento pela curiosidade, mais somos no papel de educador, também, um aprendiz. Por isso o professor aprendiz é aquele que também está junto com o aluno, com curiosidade de saber das coisas (Alves; Dimenstein, 2010).

Podemos concluir deste modo, que Dançar, na perspectiva da cultura Hip-Hop, é um caminho para a transformação social e depende dos educadores para a integração do formal e não formal, como ferramenta de mediação para uma artificação consciente, honesta e empoderada. O Hip-Hop, ou ainda, o *Breaking*, transcende a tarefa de copiar e reproduzir passos. Como nos relembra Ribeiro (2014), o quinto elemento da cultura Hip-Hop é o "conhecimento".

Assim, como um Freeze, a última fase do *Breaking*, finalizamos o artigo prospectando a dança na escola como uma potente ferramenta social para inspirar e transformar realidades, quiçá um dia uma pedagogia Hip-Hop reconhecida como tal.

Antes de ser um exercício, antes de ser um estilo de vida ou apenas uma diversão a dança *Breaking* é uma forma de comunicação, que se dá pelo movimento corporal, assim como acontece com outras manifestações artísticas, áreas do conhecimento ou vias de comunicação (Silva, 2010). Uma música, um texto, uma obra plástica, artesanato, pintura, confecção é a materialização de um comportamento. Antes de ser "de rua" a dança é uma Arte, como qualquer outra manifestação de Arte, o *Breaking* é uma ferramenta de ação educacional para o conhecimento de mundo, de

política, de sociedade, de comportamento e de educação tal qual observado em diferentes propostas pedagógicas formais anteriormente reconhecidas.

A pedagogia Hip-Hop, como uma proposta de ensino baseada na perspectiva da dança *Breaking*, parte do ambiente social e do corpo como parâmetros de diálogo com teorias da educação. Esse atravessamento entre o ensino do *Breaking* e os teóricos apontados nesse artigo, demonstram a possibilidade de reconfiguração de ambientes escolares, tanto instigando o uso do espaço para além de um momento único de aprendizagem mas também como espaço para integração social que permite a espontaneidade e diversão, o reconhecimento da cultura do indivíduo e de sua identidade. O *Breaking* como linguagem urbana, impacta diversos âmbitos, entre eles o social, educacional, cultural e o profissional, inclusive ampliando novos mercados de trabalho. Como visto ressignifica e aproxima saberes já reconhecidos por teorias da educação formal, porém mais que tudo reconfigura a amplitude e dimensão do espaço escolar para além dos muros da escola, ao considerar que se aprende tanto nas salas de aula quanto nas rodas de *Breaking*.

Referências

ALVES, Rubens; DIMENSTEIN, Gilberto. **Fomos maus alunos**. 10. ed. Campinas,SP: Papyrus, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. **Lei n.º 10.639**, de 10 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 19 jan. 2023.

CAMARA, Gabriel. Pedagogia que se aprende de su prática. Rede de tutoria, artículos y publicaciones. **Redes de Tutoría**, 23 mar. 2020. Disponível em: www.redesdetutoria.com/pedagogia-que-aprende-de-su-practica/. Acesso em: 12 mar. 2020.

CERRUTO, Elena. **No ritmo do coração**: dançaterapia entre Oriente e Ocidente. Tradução de Salma Cortez Delgado e Rita Aguiar. São Paulo: Phorte, 2009.

CHANG, Jeff. **Can't Stop, won't stop**: a history of the Hiph-Hop culture. Introduction by Dj Kool Here. New York: St. Martin's Press, 2005.

COSTA, Mauricio Priess. A dança do movimento HipHop e o movimento da dança HipHop. In: FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE, 3., 2005, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Escola de Música e Belas Artes do Paraná. 2005. p. 88-95.

FILLER, Zina. Mediação para dança contemporânea: um primeiro desafio para gestores, artistas e instituições culturais. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, p. 135-145, nov. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Saberes).

FREITAS, Vanilton Alves de. **Para uma cidade habitar um corpo: proposições de uso do espaço urbano e seus acréscimos na formação do artista cênico**. 2011. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HEINICH, Nathalie; SHAPIRO, Roberta. Quando há artificação? **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 14-28, abr. 2013.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

KATZ, Helena. Toda coreografia é social: pensando a relação entre hip hop, mídia e comportamento. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 5., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Abrace, 2009.

NASCIMENTO, Luan Sales do. **A heterogeneidade das danças urbanas: ferramentas corporais diferenciadas**. 2020. 39 f. Monografia (Licenciatura em Dança) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Natal, 2020.

OSUMARE, Halifu. **The africanist aesthetic in global hip hop: Power moves**. Los Angeles, CA, USA: Palgrave Macmillan, 2007.

PACHECO, José. **Escola da Ponte: formação e transformação da educação**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PINHEIRO, Rafael Fernandes. **A complexidade cultural do movimento das danças urbanas, e seus métodos**. 2014. 12f. Trabalho (Conclusão de Curso) – Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, SC, 2014.

RESNICK, Mitchel. **Lifelong Kindergarten: Cultivating creativity through projects, passion, peers, and play**. Cambridge: MIT Press, 2017.

RIBEIRO, Ana Cristina. **Dança de rua: do ser competitivo ao artista da cena.** 2014. 269 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2014.

ROBINSON, Ken. **Creative Schools: The Grassroots Revolution That's Transforming Education.** Penguin Books, 2016.

SAVIANI, Demerval; DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar.** Campinas: Autores Associados, 2012.

SILVA, Jessica Pastori. **A Dança no contexto da cultura escolar: olhares de professores e alunos de uma escola pública do ensino fundamental.** 2010. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

ZULU NATION. Disponível em: <https://www.zulunation.com>. Acesso em: 28 mar. 2022.

ZULU NATION. **Elements of Hip Hop.** Disponível em: <https://www.zulunation.com/elements/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

ZULU NATION. **What is the Mission of the Universal Zulu Nation?** Disponível em: <http://www.zulunation.com/infinity>. Acesso em: 28 mar. 2022.

Recebido em: 05/09/2023 Aceito em: 16/11/2023